

O LIMÃO

*Kajii Motojirô*¹

Uma massa indefinida e ominosa comprimia meu coração sem cessar. Não sabia dizer se era exasperação ou repulsa. Lembrava a ressaca após uma noite de bebedeira. Bebedores frequentes estão sujeitos a sofrerem de ressaca. E era como me sentia. Para azar meu. O catarro nos pulmões e o colapso nervoso não eram tão ruins. Nem as dívidas que ardiam sobre minhas costas. O que era ruim era essa massa ominosa. Já não tinha paciência para ouvir as músicas de que gostava antes, nem para ler sequer um verso de um belo poema. Mesmo quando era convidado a ouvir música no gramofone na casa de alguém, ficava com vontade de me levantar logo depois dos dois ou três compassos iniciais. Havia alguma coisa que me deixava inquieto e me fazia vagar pelas ruas continuamente.

Por alguma razão, objetos de beleza decadente exerciam grande atração sobre mim nessa época. Por exemplo, apreciava as ruas de quarteirões dilapidados, não as ruas principais que me recebiam com frieza, mas as vielas que revelavam sua intimidade: as roupas sujas penduradas nos varais e o lixo espalhado pelo chão, os interiores dos cômodos imundos que entrevia quando passava diante das casas. Quarteirões com ar de que retornariam ao pó, corroídos pelas intempéries, cujas paredes de taipa desabavam e as casas começavam a se inclinar, nos quais apenas as plantas cresciam com vigor. Onde, por vezes, era surpreendido por girassóis e cannas floridos.

Enquanto caminhava por essas vielas, procurava fazer de conta que não me encontrava em Quioto, mas a milhares de quilômetros dali — em Sendai ou Nagasaki — em alguma cidade distante. Se fosse possível, gostaria de deixar Quioto e ir para uma cidade onde não conhecesse ninguém. O que mais desejava era paz. O quarto de uma pousada deserta. Um *futon* imaculado. Um mosquiteiro fragrante e

1 Autor japonês conhecido por seus contos poéticos, ele nasceu em Osaka em 1901 e morreu de tuberculose em 1932. “Remon (1925), traduzido aqui, é um de seus textos mais representativos. Original: *Remon, Aru kokoro no fûkei, hoka jûnihen*, Ôbunsha Bunko, 1974. Disponível em https://www.aozora.gr.jp/cards/000074/files/424_19826.html Acesso em Abr de 2020. Para mais informações sobre o escritor, ver: KAWANA, K. K. Luzes e sombras na obra de Kajii Motojirô. **Estudos Japoneses**. São Paulo, n. 41, p. 31-39, 2019. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/ej/article/view/170422> Acesso em Nov de 2020.

um *yukata* bem engomado. Gostaria de repousar por um mês, sem ter que pensar em nada, em um lugar assim. Desejava que Quioto se transformasse nessa cidade como em um passe de mágica. Ao final, acabava sendo tomado por essa ilusão e começava a pintar tudo com as cores de minha imaginação. Mas não passava de uma ilusão que sobrepunha sobre aqueles quarteirões dilapidados. E, no interior da qual, sentia prazer em me perder.

Também passei a gostar de fogos de artifício. Os fogos em si eram secundários, gostava dos fardos multicoloridos em tons de vermelho, roxo, amarelo e verde com nomes sugestivos: “Estrelas cadentes do templo Nakayama”, “Batalha de flores”, “Capim dos pampas”. E havia os “camundongos”, pequenos fogos enrolados um a um em forma de círculo e colocados dentro de caixas. Eles despertavam uma estranha excitação em mim.

Além disso, passei a gostar de *ohajiki*, os pequenos discos de vidro colorido decorados com figuras de peixes e flores, e também de contas de vidro. Sentia um prazer indescritível em lambê-los. Existe algo com um sabor tão diáfano e fresco quanto o desses objetos de vidro? Costumava colocá-los na boca quando era criança e era repreendido por meus pais. Cresci e fui alquebrado pela vida, mas, talvez devido a essa doce lembrança de minha infância, de fato, seu sabor parece transmitir um leve frescor, uma qualidade poética, ao meu paladar.

Como é possível deduzir, eu não tinha nenhum tostão. Entretanto, quando meu coração ficava minimamente inquieto ao ver um desses objetos, precisava fazer uma extravagância para me animar. Uma extravagância que me custasse dois ou três centavos, o que já era um luxo. Algum objeto bonito que excitasse minhas antenas letárgicas. Era em coisas assim que normalmente encontrava consolo.

Um dos lugares de que gostava antes que minha existência se deteriorasse era a Maruzen². O vermelho e o azul da *eau de cologne* e da *eau de quinine*. Os refinados vidros de perfume de cor âmbar e jade com ar rococó e desenhos geométricos esculpidos em relevo. Cachimbos, canivetes, sabonetes, cigarros. Às vezes, passava quase uma hora observando esses objetos e, ao final, fazia a extravagância de comprar um único lápis da melhor qualidade. Porém, agora essa loja não passava de um lugar opressivo. Os livros, os estudantes, o caixa, todos tinham a aparência fantasmagórica de coletores de dívidas.

Certa manhã (nessa época, vivia de forma alternada nas pensões de amigos), o amigo que me acolhia foi assistir às aulas e fiquei entregue a mim mesmo na atmosfera deserta da pensão. Eu precisava sair desse lugar. Alguma coisa me impelia a fazer isso. Fiquei perambulando pelos quarteirões; caminhava por vielas semelhantes às que descrevi antes; parava na frente de lojas de doces baratos; observava camarões, bacalhaus e tiras de *tofu* secos nas mercearias. Por fim, desci a rua Teramachi até a esquina com a Nijô e me detive em uma frutaria que se encontrava ali. Gostaria de me demorar um pouco mais descrevendo essa frutaria que, dentre todas as lojas que conhecia, era a minha preferida. Ela estava longe de ser esplêndida, mas era a frutaria na qual a beleza típica

2 Livraria e loja de departamento japonesa fundada no século XIX. [N.T.]

desse tipo de estabelecimento era mais conspícua. As frutas se enfileiravam sobre uma bancada em íngreme aclive feita com uma velha tábua pintada com verniz escuro. Era como se uma magnífica e bela passagem musical, um *allegro*, tivesse se cristalizado e dado origem àquela composição de matizes e volumes. As frutas permaneciam agrupadas e imóveis como se petrificadas pelo olhar da face demoníaca de uma górgona. À medida que adentrava o estabelecimento, as pilhas de vegetais se tornavam maiores. A beleza das folhas das cenouras desse lugar era realmente admirável. Também havia grãos e tubérculos de sagitária³ deixados de molho em água.

A frutaria era bonita, em particular, à noite. A Teramachi era uma rua bastante movimentada — assim mesmo, muito mais pacata do que as ruas de Tóquio ou Osaka — e as luzes das vitrines iluminavam-na copiosamente. Mas, por algum motivo, o entorno da frutaria era o único ponto imerso na penumbra. Um dos lados dava para a esquina da escura rua Nijô, então a escuridão não era de se estranhar, mas isso não explicava por que a construção vizinha, que ficava na Teramachi, também ficasse na obscuridade. Mas se ela fosse iluminada, não exerceria tanta atração sobre mim. Além disso, o beiral do telhado se estendia para os lados e a ocultava como as abas de um chapéu, e não se trata de uma figura de linguagem, quem a visse exclamaria: “Veja, aquela loja está usando um chapéu de abas bem largas!” A parte superior do beiral também ficava em completa obscuridade. Em meio a tal breu, as várias lâmpadas da fachada produziam o efeito de um aguaceiro e banhavam as imediações com seu fulgor sem encontrar nada que as ofuscasse, elas iluminavam aquela linda cena totalmente à vontade. Havia poucas coisas na Teramachi que me deleitassem tanto quanto a sensação de que os bulbos nus das lâmpadas penetravam minhas pupilas como uma comprida broca em espiral enquanto permanecia imóvel em meio ao movimento da rua, ou a visão que tinha da frutaria através da janela do segundo andar do café Kagiya.

Contrariando meus hábitos, fiz uma compra nesse dia. Por acaso, havia limões à venda. Sei que há limões aos montes por aí. Mas, apesar de não chegar a ser medíocre, a loja não passava de uma simples quitanda e era a primeira vez que via limões ali. Enamorei-me deles. Da cor sólida saída de um tubo de tinta com o nome “Lemon Yellow” e do formato de fuso atarracado. Acabei comprando um único limão. Depois dessa aquisição, tudo é obscuro em minha memória. Passei um longo tempo vagando pelas ruas. A opressão produzida por aquela massa ominosa em meu peito se tornou mais branda no instante em que segurei aquele limão e caminhava cheio de contentamento. Não podia acreditar que algo tão insignificante pudesse fazer com que me esquecesse de um mal-estar tão persistente, mas, por incrível que pareça, era verdade. O coração humano é realmente misterioso.

Não havia nada tão agradável quanto o frescor daquele limão. Nessa época, meus pulmões estavam em mal estado e vivia febril. Para impressionar meus amigos com minha febre, costumava apertar suas mãos e a minha palma era sempre a mais quente.

3 Planta aquática com folhas aéreas cujos tubérculos são comestíveis. [N.T.]

Acho que era a febre que fazia com que o frescor que penetrava meu corpo através da palma da mão fosse tão delicioso.

Levava o fruto ao nariz inúmeras vezes para aspirar seu aroma. Procurava imaginar o lugar de onde ele viera, a Califórnia. De vez em quando, a expressão “golpear o nariz” que lera em “As palavras do vendedor de laranjas”⁴ durante as aulas de literatura chinesa me vinha à mente. E, quando enchia os pulmões com aquele ar fragrante, o sangue morno circulava pelo meu corpo carente de oxigênio e corava minha face fazendo com que me sentisse revigorado.

Na verdade, sempre buscara por alguma coisa simples que satisfizesse os meus sentidos daquela forma, era curioso como aquele limão conseguia satisfazer meu tato, meu olfato, minha visão e minha necessidade de frescor. Tal era minha condição na época.

Vagava tomado por uma ligeira excitação, diria até mesmo por uma espécie de orgulho, me imaginava-me como um poeta vestido com afetada elegância flanando pelas ruas. Pousava o limão sobre minha toalha de mão suja e o encostava contra meu manto para avaliar o reflexo de suas cores. Então, exclamava para mim mesmo:

“O segredo está no peso!”

Ficava me perguntando qual seria o peso daquele limão, sem dúvida, seu peso devia ser a medida de todas as coisas excelentes e belas, pensava, cheio de orgulho. E me sentia feliz.

Alheio a tudo, por fim, me vi em pé diante da Maruzen. O lugar que tanto procurava evitar, naquele momento, não me parecia tão intimidante.

“Vou entrar só para dar uma olhada”, pensei e entrei sem reservas.

No entanto, o sentimento de felicidade que até então me preenchia pouco a pouco me abandonava. Os vidros de perfume e os cachimbos não faziam meu coração palpitar. Começava a ser tomado pela melancolia, pensei que fosse o efeito do cansaço por ter dado tantas voltas. Fui até a estante de livros de arte. “Ah, é preciso fazer tanto esforço para retirar um desses enormes livros de pintura!”, pensei. Porém, extraí um deles, observei a capa, abri-o, mas não tive ânimo para folheá-lo e observar as pinturas em detalhe. Como se estivesse sob o efeito de alguma maldição, retirei um livro atrás do outro e a mesma coisa se repetiu. Só me sentia em paz depois que os violava. Depois disso, eles perdiam a graça e já não me interessavam. Não tinha forças nem mesmo para devolvê-los ao lugar de onde os retirara. Repeti a mesma coisa várias e várias vezes. Por fim, larguei até mesmo o pesado livro de cor laranja com pinturas de Ingres⁵ de que sempre gostara, porque ele me pareceu insuportável. Que tipo de maldição era aquela? Exaustos, os músculos de minhas mãos não respondiam. Abatido, observava as pilhas de livros que retirara das prateleiras.

O que acontecera com aqueles livros de arte que tanto me encantavam? Antes, saboreava com prazer a estranha sensação de deslocamento que experimentava depois

4 “Baikanshanogen” escrito por Liu Ji, ou Liu Bowen, estadista e poeta chinês do século XIV. [N.T.]

5 Jean-Aguste Dominique Ingres (1780-1867), pintor neoclássico francês. [N.T.]

de passar os olhos em cada uma de suas páginas e contemplar o ambiente extremamente banal que me cercava...

“Ah, sim!”, lembrei-me do limão que trazia no bolso. Com uma ideia em mente, juntei aqueles livros em uma confusão multicolorida. “É isso!”, exclamei comigo mesmo.

Aquela ligeira excitação que sentira antes retornara. Ia juntando os livros arbitrariamente, desfazia minha obra logo em seguida e recomeçava afoito. Retirava novos livros da estante e os adicionava a meu arranjo enquanto removia outros. Meu fantástico e extravagante castelo adquiria matizes ora vermelhos, ora azuis.

Finalmente consegui terminá-lo. Então, procurando conter minha emoção, depositei o limão no ponto mais alto com extremo cuidado. Minha obra estava completa.

A cor do limão absorvia placidamente as tonalidades díspares da composição e as conduzia para dentro de sua figura fusiforme, o que a tornava ainda mais intensa. Tinha a impressão de que o ar empoeirado no interior da Maruzen apresentava uma tensão peculiar apenas ao redor do limão. Passei algum tempo observando-o.

Foi quando tive outra ideia. Mesmo eu fiquei espantado com a ousadia de meu insólito plano:

Deixar aquilo do jeito que estava e sair de fininho como se nada tivesse acontecido.

Senti-me curiosamente excitado. “Saio? Sim, vou sair!”, decidi e me afastei com passos rápidos.

Minha excitação fazia com que caminhasse pelas ruas com um sorriso nos lábios. Eu me divertia imaginando que era um excêntrico vilão que armara uma terrível bomba dourada entre as estantes da Maruzen, dentro de dez minutos, haveria uma grande explosão entre as estantes de livros de arte.

Estava obcecado por essa fantasia. “Não sobrarão nem pó da Maruzen, aquele lugar tão desagradável!”

Segui descendo a Kyôgoku, colorida pelos cartazes de filmes que lhe davam um charme peculiar.

TRADUZIDO POR KAREN KAZUE KAWANA⁶

6 Mestre em Literatura, Língua e Cultura Japonesa pelo Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Doutora pelo departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. kawanakk@uol.com.br (Orcid id <https://orcid.org/0000-0003-1030-5070>)